



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Thaís Furtado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

orcid.org/0000-0001-9474-1800

thaisfurtado93@gmail.com

Luan Pazzini Mendonça

QI Faculdades

orcid.org/0000-0002-6103-9967

luanpazzini1@gmail.com

O jornalismo literário de Eliane Brum: estudo de sentidos e das vozes nas colunas do site El País Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender como a jornalista e escritora Eliane Brum, utilizando técnicas do jornalismo literário, inclui outras vozes que não a sua em seus artigos de opinião publicados no site do jornal El País Brasil. O jornalismo literário propõe uma estrutura narrativa próxima a da literatura, sem deixar de utilizar os métodos de apuração do jornalismo tradicional. Oferece condições de estabelecer um vínculo forte com o leitor a partir de um olhar apurado do repórter. O estudo se propõe a analisar, a partir de sete características do jornalismo literário (exatidão, humanização, universalização temática, estilo próprio, imersão, criatividade e responsabilidade ética), quais são as vozes presentes nos textos da jornalista. Utilizamos a Análise do Discurso Francesa (AD) para atingir o objetivo proposto, examinando dois artigos. A seleção dos textos, de diferentes épocas, se deu por tratarem de temas diferenciados e por terem vozes explícitas presentes. Como resultado da análise, percebemos que a jornalista traz para seus textos dois tipos preponderantes de vozes que representam discursos específicos: a Voz do Oprimido, que normalmente não aparece no jornalismo tradicional, e a Voz do Opressor, justamente para contrapor pontos de vista e carregar seu discurso jornalístico opinativo de credibilidade. Identificamos, ainda, uma Voz Neutra (de especialistas) e percebemos que Eliane Brum sempre se coloca ao lado da Voz do Oprimido.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Eliane Brum; El País Brasil; Opinião; Estudo das Vozes.



INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva compreender como a jornalista Eliane Brum inclui vozes de suas fontes jornalísticas em textos opinativos produzidos para o jornal El País Brasil utilizando estratégias do jornalismo literário. Natural de Ijuí, no Rio Grande do Sul, Eliane Brum apaixonou-se pela leitura e pela escrita ainda quando era criança. Aos 11 anos, seu pai reuniu todos os textos escritos por ela em pedaços de papel soltos pela casa para produzir seu primeiro livro, *Gotas da Infância*. Quando concluiu o curso de Jornalismo, em 1988, Eliane tornou-se uma repórter diferenciada, que privilegiava o lado humano das pautas que cobria. Trabalhou no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, na revista Época e, atualmente, escreve para o site El País Brasil, onde começou em 2013 publicando colunas com textos opinativos. Autora de sete livros, alguns deles fruto de seu trabalho como repórter, Eliane também passou a ser documentarista. A jornalista se considera uma “escutadeira”, não só da palavra dita, mas de cada silêncio, gesto e hesitação de seus entrevistados (MAROCCO, 2012). Como reconhecimento, recebeu mais de 40 prêmios em sua trajetória profissionalⁱ.

Apesar de não considerar seus textos como sendo jornalismo literário (MAROCCO, 2012), Eliane produziu muitas reportagens que se aproximam das características desse gênero. Entretanto, ela não é uma jornalista que possa ser enquadrada em gêneros ou formatos. Esta pesquisa se interessa justamente por essa mistura que caracteriza os textos produzidos por Eliane Brum. No caso das colunas produzidas quinzenalmente para o El País Brasil, a jornalista deixa clara sua opinião sobre os acontecimentos que está tratando, como ocorre no gênero opinativo, mas faz algo incomum nesse tipo de narrativa: introduz vozes de fontes – como em uma reportagem – e utiliza técnicas literárias que se distanciam do formato informativo do jornalismo tradicional. Verificar como a jornalista faz esse movimento é o que nos interessa.



JORNALISMO E LITERATURA: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

O diálogo entre jornalismo e literatura começa no século XVIII. Ao longo da história, suas ideias se unem, mas também divergem. Cada um dos gêneros dispõe de especificidades próprias, com objetivos, técnicas e estilos diferenciados, mas aproximam-se principalmente por contarem histórias. Para Santaella (2007, p.7), “convergir não significa identificar-se. Significa, isto sim, tomar rumos que, não obstante as diferenças, dirijam-se para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se roçam sem perder seus contornos próprios.”

Segundo Marques de Melo (2009, p.20), o jornalismo precisa “informar seus leitores, pois lida com as palavras como “coisas a serem usadas”. Reginato (2019) define 12 finalidades que o jornalismo deve cumprir.

Em um sociedade democrática, as finalidades do jornalismo são: a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade (REGINATO, 2019, p. 221).

Para que um texto seja considerado jornalístico, ele deve atender a algumas dessas finalidades. Rodrigues (1999) afirma que o jornalismo apresenta uma espécie de testemunho real de um acontecimento.

É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. (RODRIGUES, 1999, p. 27).

Ponte (2004) diz que a referência ao mundo real poderia ser o que separa o jornalismo da literatura, pois essa referência é estruturante para o jornalismo. Mas, para a autora, ela também faz parte de muitos textos literários. “A diferença está em grande parte no estilo e na forma com que apresentam essa referência ao real” (PONTE, 2004. p. 20). Para Bulhões (2007)

[...] a literatura é, por excelência, um território para o devaneio fantasioso, uma instância de desatrelamento da vida contingente. A sua ‘verdade’ reside também aí, ou seja, na capacidade

de atingir uma dimensão universal e essencial da subjetividade humana, a da atividade imaginativa (BULHÕES, 2007, p.19).



Ponte (2004) destaca que, na obra ficcional há uma autocontextualização e os problemas tratados acabam quase sempre tendo uma resolução. Já o discurso jornalístico traz informações fragmentadas que exigem uma capacidade de contextualização. As narrativas jornalísticas vão sendo construídas e não conseguem apresentar um final fechado.

A relação com o tempo também é diferente no jornalismo e na literatura. A escrita jornalística é feita em um tempo mais curto “[...] marcado pela urgência embutida nos processos de produção das notícias [...]” (PONTE, 2004, p.20). A literatura possibilita a criação de textos atemporais, levando o leitor a fazer inúmeras interpretações sobre os fatos contados. França (2008, p.27) diz que o “jornalismo lida com as palavras como coisas a serem usadas e que o produtor de obras literárias lida com elas como coisas a serem gozadas.”

De modo geral, o texto jornalístico trabalha com a veracidade, e a literatura com a ficção. O discurso jornalístico, no entanto, não é caracterizado apenas pela narrativa do factual, de acontecimentos urgentes. Conforme explica Mazini (2012), os espaços ocupados pela literatura (ficção) e jornalismo (não-ficção), nem sempre tiveram o diálogo definido entre si. Alguns momentos históricos aconteceram entre os dois gêneros e Mazini (2012, p.380) os chama de “flertes, bem ou mal sucedidos.” A busca por parte do jornalismo em utilizar a liberdade literária em textos publicados nos mais diversos meios de comunicação é incessante. Dessa forma, foram sendo criados vários gêneros e formatos dentro do discurso jornalístico, que se aproximam e se afastam da literatura.

Marques de Melo (2009) ajuda a compreender essas aproximações e distanciamentos.

Escrever jornalismo é produzir reportagem, notícia, artigo opinativo. Escrever literatura é navegar nos gêneros épico, lírico e dramático. Criar contos, romance, novelas, poemas (aqui já começa a complicação, pois para muitos teóricos, a poesia não é literatura), ou uma terceira via ainda é possível, um gênero híbrido, mescla de literatura e jornalismo: a crônica. (MARQUES DE MELO, 2009, p.12).



Entre esses diferentes formatos do discurso jornalístico, o jornalismo literário é o que mais se aproxima da literatura.

Jornalismo literário não é literatura, claro, como sinônimo de obra de ficção. Há trabalhos de qualidade superior, no jornalismo literário, como há trabalhos pobres, medíocres. Assim como na literatura de ficção. Por outro lado, desconfio que algumas críticas ao jornalismo literário, produzidas por especialistas ortodoxos, têm como base um conceito confuso e nublado de jornalismo. (LIMA, 2010, p.34).

Se jornalismo literário não é literatura, é importante, portanto, compreender como ele é percebido por autores brasileiros e como se caracteriza esse gênero com o qual os textos da jornalista Eliane Brum muitas vezes são identificados.

JORNALISMO LITERÁRIO

A inclusão do ensino de jornalismo literário nos cursos de Jornalismo no Brasil, principalmente na graduação, é cada vez mais frequente. Os estudos, pesquisas e o ensino estruturado de jornalismo literário no país começaram com Edvaldo Pereira Lima na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

No Brasil, a prática ganhou destaque principalmente ao ser utilizada, nos anos 1960, pelos jornalistas da revista *Realidade*ⁱⁱ e do *Jornal da Tarde*ⁱⁱⁱ, que resolveram apostar em um jornalismo que mergulhava fundo nos fatos, próximo ao que estava sendo feito nos Estados Unidos no movimento chamado *New Journalism*. Os textos passaram a ser mais criativos, fugindo da rigidez padronizada das notícias. O lado autoral dos jornalistas se destacava e, ao mesmo tempo, essa forma de narração exigia dos profissionais um olhar apurado na apresentação de dados minuciosos. Essa aproximação entre jornalismo e literatura, entretanto, começou bem antes nas redações brasileiras.

A mistura das técnicas jornalísticas com elementos da literatura foi um exercício feito, por exemplo, por escritores como Euclides da Cunha, na sua obra-prima *Os Sertões*, de 1902. O jornalista e escritor João do Rio, também é um exemplo de quem fez essa aproximação na obra *A Alma encantadora das ruas*, de 1908, que, para Cremilda Medina (1988, p.28), levantou questões até hoje discutidas como “onde termina o jornalismo e começa a literatura, ou onde termina a

literatura e começa o jornalismo, para não ser parcial”. Vários outros escritores brasileiros fizeram essa aproximação entre jornalismo e literatura até que se chegasse a denominação do gênero jornalismo literário.



Conforme Lima (2012, p.36), o jornalismo literário pode ser caracterizado pelo “uso de marcas características da literatura no jornalismo, como as figuras de linguagem, a profunda contextualização e até a digressão”. Para Assis (2014), o jornalismo literário aparece na construção de um texto cena a cena, mostrando os registros de diálogos completos, como ensinou o escritor e jornalista Tom Wolfe em manifesto escrito em 1973 que defendia o *New Journalism*. “A idéia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracterizava a tal ‘imprensa objetiva’” (PENA, 2013, p.54).

O jornalismo literário conta histórias de forma menos impessoal, como é comum no jornalismo tradicional, e a emoção dos personagens envolvidos fica evidente. Martinez (2009, p.71) define o jornalismo literário como “um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito”.

Para Pena (2013), o texto jornalístico literário não significa a fuga dos manuais de redação ou apenas a prática da veia literária, trata-se de um exercício complexo que requer tempo.

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2013, p. 13).

O jornalismo literário foge do convencional no jornalismo factual, que é contar histórias rápidas e de forma simplificada. Pautas que não necessitam de grandes apurações, fazendo com que os repórteres muitas vezes usem a internet e as agências de notícias como únicas fontes, são comuns nas redações da atualidade. O encolhimento das redações e a concorrência com a Redes Sociais ajudaram a fortalecer esse tipo de jornalismo mais rápido e menos aprofundado. A falta de apuração dos fatos, no entanto, muitas vezes não dá conta da



complexidade que um acontecimento representa para a sociedade.

Dessa forma, o jornalismo literário apresenta aos leitores acontecimentos e sujeitos menos previsíveis, buscando como primazia a apuração. O gênero valoriza a sensibilidade do repórter para, no final, levar ao público textos que carreguem a essência do jornalismo: relatar fatos sobre pessoas e suas experiências de vida.

Histórias contadas por meio do jornalismo literário, conforme define Lima (2010, p. 16), “são vistas com os ‘olhos da alma””. Contextualizam, mostram o significado real das coisas, apresentam qualidades líricas e poéticas, sem deixar de perder o foco na realidade que precisa ser levada ao público. Lima (2010) defende que os jornalistas literários escrevem com a alma

[...] e então nos mostram, com um belo texto envolvente. Abrem o nosso olhar. Compartilham o que compreendem, colocam ao nosso dispor mais do que a informação de um acontecimento. Aprofundam. Contextualizam. Exibem significado real. E o significado que vale mais a pena é sempre o simbólico, pois remete a uma dimensão maior das coisas. (LIMA, 2010, p. 26).

179

Narrar uma cena, para Lima (2010), é uma natureza visual que mostra e explica um acontecimento ao leitor. Se feita de modo impecável, pode aguçar os cinco sentidos do leitor. Para Necchi (2007, p.5), o jornalismo literário tem como objetivo justamente “instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor”. É importante frisar, no entanto, que o jornalismo literário utiliza técnicas da literatura principalmente na forma de narrar os fatos, mas valoriza estratégias originárias do próprio jornalismo. Pena (2013) diz que o jornalista que se identifica com esse gênero não deve deixar de usar as principais técnicas de apuração de uma boa notícia.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2013, p.14).

Para o autor (2013, p.14), “a preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível”. Entretanto, o jornalista literário vai ir além do trabalho diário de um repórter que organiza seu texto a

partir de um modelo sustentado pelo *lead*, que é o primeiro parágrafo de uma notícia que deve responder a seis perguntas básicas – O Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?. Lima (2009) afirma que um texto do jornalismo literário é criado



[...] a partir do rico conjunto de ferramentas disponíveis e o jornalista literário produz sua matéria com estilo próprio e voz autoral diferenciada. O mundo das narrativas do real resgata também o prazer da boa literatura, pois seus bons autores conduzem o leitor a uma viagem simbólica pelos temas, territórios, cenários reais, personagens, eventos, fatos, sentimentos, emoções, impressões, gostos, cores, ritmos de vida tal qual é. (LIMA, 2009, p.15).

Considerando, então, as noções apresentadas sobre jornalismo literário, partimos para a análise dos textos de Eliane Brum. Antes disso, no entanto, relatamos os processos metodológicos utilizados para a análise.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para fazer a análise dos textos de Eliane Brum levando em consideração as características do jornalismo literário, consideramos as ideias sobre o gênero apresentadas por três autores: Lima (2009), Pena (2006) e Ferreira Júnior (2003). Após a leitura de todas as características elencadas – e muitas já apresentadas anteriormente – selecionamos sete delas que serão observadas na análise: exatidão, humanização, universalização temática, estilo próprio, imersão, criatividade e responsabilidade ética. A tabela a seguir apresenta os olhares desses autores sobre essas características.

180



Tabela 01 – Características do texto Jornalístico-Literário.

	Edvaldo Pereira Lima	Felipe Pena	Carlos Rogé Ferreira Júnior
Exatidão	Supostamente presente em todas formas de fazer jornalismo, esta característica é bastante desafiadora.	É uma característica básica e obrigatória. Podem ser desenvolvidas novas estratégias, mas a base está nas técnicas narrativas e das práticas do jornalismo diário.	Deve ser criativa e desafiadora. É também muito mais cativante para o leitor
Humanização	Devem ser encontrados em uma boa narrativa, protagonistas e personagens humanos tratados com cuidado e lucidez equilibrada.	É ultrapassar os limites dos fatos cotidianos rompendo com a periodicidade e a atualidade.	Devem ser evitados os estereótipos. As pessoas não devem ser tratadas como fontes, mas como personagens da narrativa, podendo o autor também pode dar sua opinião.
Universalização Temática	Os assuntos tratados estão quase sempre encaixados nas suas diferentes áreas de especialização.	O jornalista literário deve transcender o espaço de tempo do acontecimento imediato abordando temas forma mais abrangente possível.	O jornalista literário cria um sistema de causa e consequência, ao contrário do enfoque linear do jornalismo informativo.
Estilo próprio e voz autoral	Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável.	O texto sai do superficial, ao contrário das reportagens que são esquecidas no dia seguinte.	As temáticas devem ser universais, não ligada a tema temporal, fugindo do estreito círculo das fontes legitimadas.
Imersão	O autor precisa mergulhar na própria história, ir a campo, ver, sentir, cheirar apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens.	É preciso criar alternativas, dar voz ao cidadão comum, preencher lacunas, ouvir pontos de vistas que foram abordados.	Buscar a realidade dos personagens indo pra rua, lugares que nenhum outro repórter possa ter ido.
Criatividade	É a capacidade traz possibilidades de gerar coisas novas, de promover sentimentos e interesse do público.	Romper com as correntes do lead, aplicando técnicas literárias, evitando assim pasteurização do texto.	
Responsabilidade ética	O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disto.	Como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade, a responsabilidade ética é essencial.	Aponta que a responsabilidade ética abordada no jornalismo literário é prática engajada.

Fonte: Pazzini, 2015, p.04.



O objeto de pesquisa deste estudo é a publicação online *El País Brasil* (Brasil.elpais.com), pertencente ao grupo espanhol Prisa, que desde novembro de 2013 conta com conteúdo em português. Nosso corpus de pesquisa é formado por duas colunas de opinião escritas por Eliane Brum e veiculadas no site. A escolha se deu pela repercussão desses textos – já que foram repostados por dezenas de publicações online –, pela variação dos temas tratados e pela presença explícita de vozes – além da voz da autora. Para viabilizar a pesquisa, utilizamos procedimentos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), já que consideramos o jornalismo como um discurso com características próprias – algumas já apresentadas.

Compreendemos o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos. De forma sucinta, o jornalismo é um discurso: a) dialético; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares (BENETTI, 2008, p. 107).

Benetti (2008) considera que a AD é produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento de vozes e identificação dos sentidos. Nesta pesquisa, examinamos sentidos relacionados às características do jornalismo literário, mas também observamos a presença de vozes nos textos analisados. Para isso, primeiro identificamos, nos dois textos escolhidos, sequências discursivas (SDs) que contém marcas discursivas que correspondem às sete características do jornalismo literário apontadas pelos autores apresentados anteriormente. SDs, para a AD, são trechos que o analista recorta para encontrar pistas que ajudem a atender seus objetivos de análise.

Para encontrar as regularidades da linguagem, o analista de discurso deve relacioná-la à sua exterioridade. Sendo assim, a principal relação que estabelecemos com a exterioridade foi a do interdiscurso existente entre as colunas jornalísticas de opinião e as técnicas de jornalismo literário normalmente presentes em textos de reportagem de autoria de Eliane Brum. Em um segundo momento, identificamos quais vozes estão presentes em cada um dos textos, apresentando comentários sobre elas.

O primeiro artigo escolhido é: *Como se fabricam crianças loucas*, publicado em março de 2014, que conta a história de três crianças

consideradas loucas por suas famílias e narra o trabalho de Flávia Blikstein, psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial



(CAPS) infantil, localizado no hospital psiquiátrico Pinel, em São Paulo. O segundo, intitulado *Mãe, onde dorme as pessoas marrons?*, publicado em junho de 2015, conta histórias de crianças que crescem, devido à falta de segurança, protegidas por muros de concretos de condomínios e que são vigiadas por câmeras 24 horas por dia.

ANÁLISE

Na primeira etapa da análise, destacamos sequências discursivas (SDs) nos dois textos opinativos para examinar as técnicas de jornalismo literário utilizadas por Eliane Brum. Primeiramente, apresentamos as SDs e, em seguida, a análise.

A utilização de técnicas do jornalismo literário

Texto 1: “Como se fabricam crianças loucas” (17/03/2014)

Flávia trabalhava num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil, em São Paulo, e encontrava-se na ambulância para levar a garota para sua primeira internação psiquiátrica. Maria, como aqui será chamada, tinha 14 anos. Era negra, alta e magra. Falava pouco, frases curtas. Gostava de brincar de boneca e de desenhar. Às vezes pintava as unhas, arrumava o cabelo, anunciando a adolescência. Maria se molhava o tempo todo, em pequenos rituais. Abria a torneira, fazia uma conchinha com as mãos e molhava os pés, as pernas, os braços. Fazia isso em qualquer lugar, causando vergonha à mãe. Talvez Maria estivesse esculpindo com a água os limites do próprio corpo. **(SD01)**

A “menina louca” tinha indagado sobre a estrutura do Estado e da sociedade que a obrigava a dar o primeiro passo para dentro de uma instituição psiquiátrica. Talvez Maria intuisse que esse passo poderia ser longo. Talvez Maria adivinhasse que os dentes do sistema estavam à sua espera, logo ali. **(SD02)**

O que Maria perguntou à Flávia, perguntou a todos nós: por que, no século 21, crianças e adolescentes brasileiros, a maioria filhos de famílias pobres, continuam a ter suas vidas mastigadas num hospital psiquiátrico. A “criança louca” fez aos normais a pergunta mais lúcida: por que a condenavam a uma existência de manicômio. **(SD03)**

Duas crianças, que se transformaram em adolescentes no hospital psiquiátrico, contaram histórias que poderiam ilustrar livros escabrosos sobre os manicômios do passado, mas que se

passaram na primeira década desse século. Aqui, elas serão chamadas de José e de Raquel. José permaneceu confinado por 1271 dias – ou três anos e cinco meses. Raquel, por 1807 dias. Ficou trancada dos 11 aos 16 anos – e de lá foi transferida para outra instituição psiquiátrica. José e Raquel estavam segregados no Pinel, a mando da Justiça, sob reiterados protestos da equipe técnica. Foram depositados como coisas no Pinel porque ainda é este o destino dado a crianças como eles no Brasil. **(SD04)**



“Medievais”, “desumanos” e “criminosos”. Essas são algumas das palavras usadas para definir os hospícios desde que a luta antimanicomial se intensificou a partir do final dos anos 1970 e conquistou avanços significativos nesse século. **(SD05)**

Em primeiro lugar, é importante lembrar que essas SDs pertencem a uma coluna opinativa, na qual a jornalista está “autorizada” a dar sua opinião sobre uma temática, ao contrário do que, teoricamente, aconteceria em uma reportagem. Não é comum que, em um texto opinativo, repórteres utilizem o jornalismo literário. Mas não é isso que acontece nesses textos. Na SD04, por exemplo, Eliane utiliza o que Pena (2006) e Lima (2009) afirmam ser fundamental no jornalismo literário: exatidão e precisão. Duas crianças são apresentadas; mesmo que com nomes fictícios – o que também é comum em reportagens com temáticas mais sensíveis. Eliane diz quanto tempo cada uma viveu no hospital psiquiátrico, trazendo uma estratégia de credibilidade para o texto. A autora, no entanto, não apresenta somente dados, ela narra com tristeza a história dessas crianças consideradas loucas.

Uma boa narrativa, para Lima (2009), só se justifica se nela forem encontrados protagonistas e personagens humanos tratados com devido cuidado. Pena (2006) afirma que é importante abordar temas que ultrapassem os limites dos acontecimentos cotidianos. Essas características estão presentes nas SDs 02 e 05. Na SD02, ao relatar a indagação da “menina louca” sobre a estrutura do Estado e da sociedade, e, na SD05, utilizando as palavras “medievais”, “desumanos” e “criminosos”, Eliane busca mostrar o quão frágil e precária é a estrutura do sistema psiquiátrico no Brasil.

O uso de um estilo próprio pode ser claramente identificado nas SDs 01 e 03. Lima (2009) e Pena (2006) afirmam que uma boa narrativa real deve ser contada com desenvoltura,



saindo do superficial. Na SD 01, para apresentar Maria, Eliane utiliza frases curtas, dando ritmo à leitura. Ao dizer que a menina “era negra, alta e magra”, a jornalista utiliza a descrição e, ao dizer que ela esculpia com água os limites do próprio corpo, usa também a metáfora como estratégia de construção de um estilo próprio de escrita. Essas estratégias podem ser percebidas em outras SDs também.

Pena (2006) e Lima (2009) afirmam que a imersão, em um texto jornalístico literário, pode aparecer na fala do cidadão comum ou de uma fonte anônima. Eliane, ao apresentar os rótulos impostos às crianças que fazem parte da história que está sendo contada, busca denunciar preconceitos e julgamentos a partir da própria realidade. A humanização também fica muito clara no texto, já que trata de pessoas reais que estão passando por uma situação específica. Já a criatividade pode ser percebida na forma como a jornalista constrói o texto, fugindo das regras de objetividade e do *lead* das notícias jornalísticas.

185

Texto 2: “Mãe, onde dormem as pessoas marrons?” (22/07/2015)

Uma amiga me conta, na volta de uma viagem a Paris com a família: “Só quando estava lá é que percebi que minha filha estava, literalmente, andando na rua pela primeira vez.” A menina tem quatro anos. Classe média. Mora em São Paulo, num condomínio fechado. **(SD06)**

De muro em muro, a criança passou os primeiros quatro anos de vida sem pisar na rua, a não ser por breves e arriscados instantes. E apenas quando a rua não pôde ser evitada. E apenas como percurso rápido, temeroso, entre um muro e outro. **(SD07)**

Outra mãe, esta de um menino, ficou sem respostas diante de duas perguntas sequenciais do filho pequeno: “Por que ela é marrom?”, o menino perguntou, referindo-se à empregada. E, logo em seguida: “Onde dormem as pessoas marrons?”, já que as “pessoas marrons” deixavam os muros no final do dia, tanto na casa dela quanto na casa dos amiguinhos, mas ele não sabia para onde iam. Outro condomínio? **(SD08)**

Mais preocupados devemos ficar quando a resposta da Câmara dos Deputados à violência se encaminha para a redução da maioridade penal, de 18 para 16 anos, nos crimes considerados mais graves. O que estão tentando fazer, estes que manipulam o medo? **(SD09)**

Quando conseguirem encarcerar todos os filhos de pobres que não puderam converter em mão de obra barata, talvez prendendo logo no nascimento, já que o aborto é condenado pelos mesmos que defendem a redução da maioria penal, há de se encontrar uma nova ameaça para manter o sistema de privilégios intacto. **(SD10)**



Nas SDs 06 e 08, a exatidão, característica importante em textos jornalísticos literários, está presente, já que a jornalista traz diálogos específicos entre as fontes. Na SD06, ao narrar o fato de que uma criança de quatro anos nunca tinha botado os pés na rua e só foi fazer isso quando estava fora do Brasil, a autora expressa características do jornalismo literário apontadas pelos autores, como a humanização e a responsabilidade ética, contribuindo com a formação dos cidadãos, como indica Pena (2006).

Na SD08, Eliane traz a fala de uma criança que diz não saber “onde dormem as pessoas marrons” e complementa: “por que ela é marrom?”. Nesse caso, a jornalista utiliza técnicas como: apuração rigorosa e observação atenta, que Pena (2006) afirma serem importantes no jornalismo literário. Nas duas SDs aparece uma estratégia que Lima (2009) e Pena (2006) afirmam serem importantes em uma boa narrativa real: apresentar personagens humanos com cuidado e lucidez equilibrada.

Na SD07, encontramos o que Lima (2009) e Pena (2006) afirmam ser requisito fundamental em um texto atraente ao leitor: a criatividade. Eliane narra de forma única o fato de uma criança de quatro anos nunca ter saído do condomínio onde morava: “De muro em muro, a criança passou os primeiros quatro anos de vida sem pisar na rua”.

Um texto de jornalismo literário necessita de responsabilidade ética. Na SD09, são apresentadas informações apuradas pela autora, que em seguida nos faz refletir: “o que estão tentando fazer, estes que manipulam o medo?”. Lima (2009) lembra que o jornalismo literário tem compromisso com a realidade, e Ferreira Junior (2003), que a ética abordada no gênero é prática engajada.

Na SD10, ao abordar problemas sociais como racismo, maioria penal e aborto, a autora confirma o que os autores falam sobre as temáticas normalmente tratadas pelo jornalismo literário. O trecho “talvez prendendo logo no nascimento, já que o aborto é



condenado pelos mesmos que defendem a redução da maioria penal” traz a opinião clara da autora sobre o tema, mostrando a sua preocupação com essas questões sociais.

Ouvir quem normalmente não tem espaço no jornalismo tradicional, humanizar o texto e incluir a realidade dos personagens são características que Ferreira Junior (2003) afirma como importantes de estarem presentes em uma boa narrativa, e isso aparece em várias sequências do texto. Em todas as SDs apresentadas, a narrativa de Eliane transcende o espaço de tempo, criando um sistema de causas e consequências, que Lima (2009), Pena (2006) e Ferreira Junior (2003) afirmam ser o caminho inverso do enfoque linear do jornalismo informativo. A universalização temática também é característica das colunas de Eliane Brum.

As vozes presentes nos textos

Nesta segunda etapa da análise, identificamos as vozes presentes nos textos selecionados para, posteriormente, fazer considerações sobre a forma como Eliane Brum apresenta suas fontes. Consideramos vozes não apenas as de sujeitos específicos, mas também de instituições que, de alguma forma, estão nos textos. Essas vozes aparecem tanto pelo discurso direto (entre aspas), quanto pelo discurso indireto.

Vozes no Texto 1:

Voz 1: Eliane Brum

Voz 2: Psicóloga Flávia Blikstein

Voz 3: Maria, identificada com nome fictício

Voz 4: Equipe técnica do Hospital Psiquiátrico Pinel, de São Paulo

Voz 5: Sistema Judiciário

Vozes no Texto 2:

Voz 1: Eliane Brum

Voz 2: Amiga da autora, identificada como mãe de uma menina

Voz 3: Personagem identificada como mãe de um menino

Voz 4: Christian Dunker, psicanalista.

Voz 5: Carta coletiva, escrita por um grupo composto por mulheres, a maioria negras, pobres e periféricas, chamado “Movimento Mães de Maio”.



Nos textos analisados, é possível afirmar que Eliane tem preferência por contar histórias em que os protagonistas são pessoas comuns, que normalmente não são ouvidas pelo jornalismo tradicional. Mas também outras fontes aparecem. Ou seja, diferentes vozes compõem os textos.

Ao nos aprofundarmos na análise, entretanto, buscamos perceber quantos enunciadores estão presentes nos textos de opinião de Eliane Brum. Benetti (2010), explica que o locutor é aquele “que fala” no texto. Nos artigos aqui examinados, temos uma locutora autora, a jornalista Eliane Brum, e demais locutores, que são as fontes presentes nos textos. Benetti, no entanto, lembra a proposta de Ducrot (1987) de diferenciar o locutor do enunciador. Nessa concepção, os locutores nos textos aqui analisados continuam sendo a jornalista e as fontes que aparecem no texto. “A complexidade maior recai sobre o estudo dos enunciadores” (BENETTI, 2010, p. 119). O enunciador seria aquele de cujo ponto de vista a história é apresentada. “O locutor é quem fala, o enunciador é aquele ‘a partir de quem se vê’”. Ou seja: o enunciador deve ser identificado, na análise das vozes, como a perspectiva a partir da qual o enunciador enuncia” (BENETTI, 2010, p.119, grifo da autora).

Ou seja, se todas as fontes jornalísticas de um texto enunciam a partir de uma mesma perspectiva, de um mesmo ponto de vista, temos apenas um enunciador. Para que esses textos de Eliane Brum possam ser considerados polifônicos, portanto, precisam apresentar mais de um enunciador. Não basta ter vários locutores, é necessário que eles realmente apresentem pontos de vista diversos, tornando-se enunciadores.

A partir dessa perspectiva, dividimos as vozes apresentadas nos dois textos, em dois enunciadores principais que denominamos Voz do Oprimido e Voz do Opressor, de acordo com os seus pontos de vista em relação aos temas tratados pela jornalista. No Texto 2, identificamos também uma Voz Neutra, que não se posiciona diretamente em relação ao assunto tratado.



No Texto 1, podemos dividir os locutores nos dois enunciadores abaixo:

Voz do Oprimido: Locutor 1: Eliane Brum; Locutor 2: Psicóloga Flávia Blikstein; Locutor 3: Maria, identificada com nome fictício; e Locutor 4: Equipe técnica do Hospital Psiquiátrico Pinel, de São Paulo.

Voz do Opressor: Locutor 5: Sistema Judiciário.

Os enunciadores que representam a Voz do Oprimido defendem que toda a criança, desde seu nascimento, tem direito a viver em uma família e questionam a forma como são aplicadas as diretrizes da política de saúde mental no Brasil para crianças e adolescentes. Já o enunciador da Voz do Opressor, sem emitir diagnósticos precisos referentes às doenças mentais, mantém crianças nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPs) e manicômios, tirando o direito de serem inseridas em uma comunidade.

189

No Texto 2, podemos dividir os locutores nos três enunciadores abaixo:

Voz do Oprimido: Locutor 1: Eliane Brum; e Locutor 5: Carta coletiva, escrita por um grupo composto por mulheres, a maioria negras, pobres e periféricas, chamado “Movimento Mães de Maio”.

Voz do Opressor: Locutor 2: Amiga da autora, identificada como mãe de uma menina; Locutor 3: Personagem identificada como mãe de um menino.

Voz Neutra: Locutor 4: Christian Dunker, psicanalista.

Os enunciadores que representam a Voz do Oprimido defendem o direito de igualdade entre as pessoas. Abordam temas como racismo, intolerância religiosa e diferença social. Já os enunciadores da Voz do Opressor não permitem que crianças de classe média alta tenham contato com pessoas de diferente classe social e criticam a falta de segurança nas ruas. A Voz Neutra é de um especialista, que apenas faz comentários.

Ao analisar as vozes nos dois textos, é possível perceber que Eliane Brum sempre se coloca ao lado da Voz do Oprimido. Isso pode ser percebido, por exemplo, nas seguintes Sequências Discursivas:



Texto 1:

SD02: “A “menina louca” tinha indagado sobre a estrutura do Estado e da sociedade que a obrigava a dar o primeiro passo para dentro de uma instituição psiquiátrica. Talvez Maria intuisse que esse passo poderia ser longo. Talvez Maria adivinhasse que os dentes do sistema estavam à sua espera, logo ali.”

Texto 2:

SD09: “Mais preocupados devemos ficar quando a resposta da Câmara dos Deputados à violência se encaminha para a redução da maioria penal, de 18 para 16 anos, nos crimes considerados mais graves. O que estão tentando fazer, estes que manipulam o medo?”

Ao apresentar diversas vozes em seu texto, portanto, Eliane garante credibilidade às suas opiniões e torna as narrativas polifônicas, característica que Benetti (2010) destaca ser importante no jornalismo por se tratar de um campo de interação, que tem como essência a pluralidade. A jornalista convida o leitor, por meio da identificação, a ter opinião sobre os assuntos tratados. Busca conexão direta com a realidade, abordando assuntos polêmicos, mostrando diferentes pontos de vista em textos, então, polifônicos, e se posicionando ao lado da Voz do Oprimido.

190

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Lima (2010), um texto jornalístico-literário deve fazer com que o leitor tenha experiências sensoriais e entre no mundo que está sendo narrado. Dessa forma, é inegável que Eliane Brum, ao escrever para o site do El País Brasil, cumpre esse papel. Muitos recursos do jornalismo literário são utilizados pela jornalista para expor a Voz do Oprimido e a Voz do Opressor nos textos analisados. Eliane traz para seus textos vozes que não aparecem comumente no jornalismo opinativo, nem no jornalismo factual, buscando contrapor pontos de vista e carregando seu discurso de argumentações e de credibilidade. A presença dessas duas vozes,

representando mais de um enunciador, faz com que os artigos



de Eliane Brum apresentem uma característica importante para o jornalismo e, especialmente, para o jornalismo literário: a polifonia.

Observamos, também, que a jornalista Eliane Brum se coloca ao lado da Voz do Oprimido. Isso atende nosso objetivo inicial, que era compreender como a jornalista Eliane Brum inclui outras vozes em seus textos opinativos no site do jornal El País Brasil utilizando técnicas do jornalismo literário. Vale lembrar que esse gênero normalmente é desenvolvido em reportagens e não em textos de opinião, como é o caso analisado. Utilizando diferentes técnicas do jornalismo literário que expressam o sentimento humano e com a presença de diferentes vozes, a jornalista carrega seus textos opinativos com qualidade estética e credibilidade, valor fundamental do jornalismo, seja de que gênero for.

REFERÊNCIAS

191

ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. *Revista Alceu*, v. 11 - nº. 21 - p. 16-33 - jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf>. Acesso em: 13 Abr. 2021.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1492/964>>. Acesso em: 20 Mar. 2021.

BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRUM, Eliane. Como se fabricam crianças loucas. *Jornal El País*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/17/opinion/1395072236_094434.html>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

BRUM, Eliane. “Mãe, onde dormem as pessoas marrons?” *Jornal El País*. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html>. Acesso em: 12 Mar. 2021.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA JUNIOR, Carlos A. Rogé. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas*. São Paulo: Edusp, 2003.

FRANÇA, Viviane Amaral. *Jornalismo e Literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould*. 2008.

O JORNALISMO LITERÁRIO
DE ELIANE BRUM...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 173-194, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

56f. Monografia (Centro Universitário de Belo Horizonte.) Belo Horizonte, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas*, 4ª Edição. São Paulo: Manole Ltda., 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo Literário Para Iniciantes*, 1ª Edição. São Paulo: Edição do Autor, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Escrita Total: Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito*. São Paulo: Edição do Autor - Clube dos Autores, 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. *Inovcom*, v. 5, nº 2, p. 68-78, 2013. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/download/1729/1619>>. Acesso em: 26 Mar. 2021.

MAROCCO, Beatriz. *O jornalista e a prática: entrevistas*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012.

MARQUES DE MELO, José. *Formatos jornalísticos: evidências brasileiras*. Pesquisa realizada no jornal “Folha de São Paulo”, 28/03/2005. 2006a. (Original do autor).

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1* pp. 71 - 83 jan./jun. 2009.

MAZINI, André. História entre o Jornalismo e a Literatura: Fronteiras narrativas e metodologias possíveis. *Comunicação & Mercado/UNIGRAN, Dourados/MS*, v. 01, nº. 02 – edição especial, p. 373-384, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/32.pdf>>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2ª edição, São Paulo, Summus, 1988.

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. Congresso de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos/SP. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>>. Acesso em: 07 Abr. 2021.

PAZZINI, Luan. Jornalismo Literário em Textos de Eliane Brum: Narrativas de Vidas Vivas. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 16., 2015, Joinville/SC. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0696-1.pdf>>. Acesso em: 10 Abr. 2021.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>>. Acesso em: 10 Abr. 2021.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2013.





PONTE, Cristina. *Leituras das Notícias: Contributos para uma análise do discurso jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte. 2004.

REGINATO, Gisele Dotto. *As finalidades do jornalismo*. Série Jornalismo e Rigor. V.15. Florianópolis: Insular. 2019.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

Recebido em 13 de abril de 2021.

Aprovado em 02 de fevereiro de 2022.

ELIANE BRUM'S LITERARY JOURNALISM: STUDY OF MEANINGS AND VOICES IN THE COLUMNS OF THE SITE EL PAÍS BRASIL

193

Abstract: This article aims to understand how the journalist and writer Eliane Brum, using literary journalism techniques, includes voices other than her own in her opinion articles published on the website of the newspaper El País Brasil. Literary journalism proposes a narrative structure close to that of literature, while still using the methods of traditional journalism. It offers conditions to establish a strong bond with the reader through the reporter's accurate eye. The study aims to analyze, based on seven characteristics of literary journalism (accuracy, humanization, thematic universalization, own style, immersion, creativity and ethical responsibility), which are the voices present in the journalist's texts. We used the French Discourse Analysis (AD) to achieve the proposed objective, examining two articles. The selection of the texts, from different periods, was due to the fact that they deal with different themes and have explicit voices present. As a result of the analysis, we noticed that the journalist brings to her texts two preponderant types of voices that represent specific discourses: the Voice of the Oppressed, which normally does not appear in traditional journalism, and the Voice of the Oppressor, precisely to oppose points of view and carry her journalistic opinionated discourse of credibility. We also identified a Neutral Voice

O JORNALISMO LITERÁRIO
DE ELIANE BRUM...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 173-194, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

(of specialists) and we noticed that Eliane Brum always puts herself on the side of the Voice of the Oppressed.

Keywords: Literary Journalism; Eliane Brum; El País Brasil; Opinion; Study of Voices.



ⁱ Informações disponíveis em <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em 11 de abril de 2021.

ⁱⁱ Revista brasileira lançada em 1966, pela Editora Abril, com circulação até janeiro de 1976.

ⁱⁱⁱ Jornal diário da cidade de São Paulo, publicado entre 1966 e 2012.